



## Istambul

# História e exotismo entre dois continentes

Poucas cidades no mundo reúnem tantas singularidades como Istambul: separa ou une dois continentes (a Ásia e a Europa), separa ou une dois mares (o Egeu e o Negro), foi plataforma de sucessivos poderes intimamente ligados a religiões (Cristianismo e Islamismo) e dispõe de uma mitologia própria que dá para todos os qualificativos: «Milagre da Natureza», «pérola do Bósforo», «angra das lendas e da poesia» e «capital dos imperadores», entre outros.

Os historiadores deram-se ao trabalho de calcular que Istambul, com outros nomes, foi residência de dez imperadores romanos, oitenta imperadores bizantinos e trinta sultões.

O nascimento da cidade está envolto num espesso véu de mitos e lendas. Os maiores historiadores da Antiguidade, Heródoto e Estrabão, contam que o Rei da Trácia expulsou, em 657 antes da nossa era, os fenícios instalados nas margens do Bósforo e fundou uma cidade a que deu o nome de Bizâncio. Mais tarde estes locais foram ocupados pelos persas, depois pelos gregos, até que, em 196, a cidade foi tomada de assalto pelas legiões de Séptimo Severo. Reconstruída de alto a baixo por Caracalla e baptizada com o nome de Antonia em sua honra, foi por uns tempos ocupada pelos céltas, mas o imperador Constantino reconquistou-a em 313 e de novo a reconstruiu.

Em 330 tornou-se a capital do Império e por algum tempo a Segunda Roma, ou Nova Roma, embora o povo lhe chame já Constantinopla, nome que lhe será oficialmente dado em 395.

Constantinopla será durante mil anos a capital do Império Romano do Oriente, chamado ainda Bizantino. Neste lapso de tempo sofrerá as investidas sucessivas dos hunos e dos avaros, dos persas e dos árabes, dos búlgaros e dos saljuquides, dos petechenegues e dos cruzados. Por várias vezes será conquistada, e o domínio mais desastroso para a cidade terá sido o dos cruzados que a tomaram na primeira metade do século XIII. Nunca mais Bizâncio recuperará completamente as suas feridas. Em 1453 cairá na posse dos turcos otomanlis. O Império Bizantino foi-se e com ele a Idade Média. Até 1923, Istambul, como os turcos tinham rebaptizado Constantinopla, será a capital do Império Otomano, até à altura em que Kemal Atatürk se pôs à cabeça do movimento de libertação e fundou a República da Turquia, transportando a sua capital para Ankara.

O primeiro contacto com Istambul é uma visão que ultrapassa todas as expectativas, por mais que para isso se esteja preparado. Um quadro espantoso, todo em contrastes, desdobra-se-nos diante dos olhos. É uma teia de inestimáveis recordações dos tempos passados e ue

labirintos de ruínas sujas e superpovoadas, de bairros inteiros de casas abandonadas no centro e de arranha-céus na periferia, de parques verdejantes e de sucessões de betão onde nem uma erva cresce, de suks (mercados) medievais e de lojas luxuosas com montras de vidro fumado e letreiros luminosos de néon; é a magnificência do Bósforo e o lixo despejado no Corno de Ouro, os engarrafamentos nas ruas estreitas que sobem as colinas e a auto-estrada moderna que, pela ponte sobre o estreito, liga a duas partes da cidade e dois continentes.

Eis a Rua dos Bancos, e ao lado lojas que só vendem lustres de cristal. Aqui é o bairro dos estivadores e um pouco mais além o dos artesãos do cobre. Aqui se amontoam as casas de passe, mais além os bairros operários e os bairros de lata que se erguem numa noite.

E depois, para nos espantar, há toda a multidão de Istambul que exhibe uma amálgama de tipos étnicos, de estilo de vestir, de riqueza e de miséria, de culturas, de épocas diversas.

Não se trata apenas de uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, é um cadinho no fundo do qual os elementos de um e outro se fundem numa liga sem paralelo no mundo. E é isso que faz o singular encanto desta urbe.

Em cada esquina nos espreita o insólito. Quando passeava na rua principal da

cidade, veio-me de súbito ao ouvido uma melodia russa. Uma velha mulher andrajosamente vestida tocava acordeão à mesa de uma esplanada. À frente dela algumas moedas. Como é que esta melodia teria aqui vindo parar? Quem será aquela mulher? Não tive tempo de o saber. Em Istambul a vida é turbilhão e falta o tempo para nos debruçarmos sobre cada coisa que acontece.

Há que lembrar que Istambul é o coração industrial e cultural do país. É também um centro editorial. Pode-se compará-lo a uma grande porta escancarada ao capital internacional pela política de liberalização da economia do Governo chefiado por T. Ozal. Depressa nos damos conta da gritante e omnipresente publicidade das grandes sociedades estrangeiras. É-nos proposta a electrónica japonesa, os corantes made in GB, carros alemães, créditos americanos...

Numa palavra, é uma cidade moribunda ao mesmo tempo que continua eterna, uma cidade de putrefacção e de renascimento, petrificada num perpétuo movimento. Compreende-se por que Pierre Loti, cujo nome se pode ler no letreiro de um café, tinha razão quando dizia que não há capital cujo rosto mude tão rapidamente como o de Istambul. De minuto a minuto a cidade se torna outra, ao menor sopro de vento, à mínima nuvem que atravesse o céu.

# ESCAPARATE

- \* **CLAÚDIA APAIXONADA**  
**Autor:** Marie-Louise Fisher  
**Colecção:** Cláudia  
**Número:** 2  
**N.º de Págs.:** 160  
**Formato:** 19x13 cm  
**Impressão:** a preto e branco  
**Acabamento:** brochura, capa a 4 cores  
**Preço:** 430\$00  
**Editora:** Verbo



## OBSERVAÇÕES SOBRE A OBRA

Cláudia está agora integrada no seu novo liceu, onde a simplicidade dos amigos a ajudou a corrigir em parte a sua vaidade.

Mas tudo vai mudar para ela ao apaixonar-se por um cantor de rock muito conhecido. Dinâmica e segura de si como é, Cláudia aplica toda a sua energia em dirigir um clube de fãs fundado por ela própria.

Tanto entusiasmo — uma autêntica obsessão — acaba por afastá-la de toda a gente. Depois de passar sozinha por alguns triunfos e umas quantas decepções, Cláudia vem a descobrir que o mais importante é poder contar com os seus amigos.

Depois de CLÁUDIA NO LICEU, é indispensável ler o segundo volume e continuar a acompanhar esta adolescente irrequieta e cheia de personalidade.

- \* **LENDAS E NARRATIVAS**  
**Autor:** Alexandre Herculano  
**Colecção:** Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses  
**Número:** 27.º vol.  
**N.º de Págs.:** 276  
**Formato:** 12x18,5 cm  
**Acabamento:** brochada, a 4 cores  
**Preço:** 295\$00  
**Edição:** Ulisseia



## OBSERVAÇÕES SOBRE A OBRA

As LENDAS E NARRATIVAS, reunidas e editadas por Herculano em 1851, em 2 volumes, constituem as primeiras tentativas para introduzir na literatura portuguesa um subgénero tipicamente romântico — o romance histórico.

Apesar da diferente estrutura que caracteriza as diversas narrativas, e independentemente dos contrastes que se possam estabelecer a nível de ambiente e de personagens, todas elas evidenciam uma unidade temática, comum ao conjunto da ficção herculaniana: a consumação de uma vingança, como o móbil da acção ou da intriga sentimental.

«Arras por foro de Espanha», «A abóbada», «A dama pé de cabra», «O bispo negro» e «A morte do Lidador» foram os textos seleccionados pela dr.ª Maria Ema Tarracha Ferreira para esta edição, antecedido de um notável estudo de mais de 60 páginas sobre a vida e a obra de A. Herculano.

- \* **O FANTASMA DO CASTELO MACPATO**  
**Autor:** Walt Disney  
**Colecção:** As Grandes Aventuras Disney  
**Número:** 3  
**N.º de Págs.:** 48  
**Formato:** 22,5x29 cm  
**Impressão:** 4 cores  
**Acabamento:** Cartonado  
**Preço:** 695\$00  
**Edição:** Verbo



## OBSERVAÇÕES SOBRE A OBRA

Há séculos que existiam rumores de que haveria um fabuloso tesouro escondido nas grossas paredes do Castelo MacPato da Escócia, local de origem da família do Pato Donald.

Embora todos os seus antepassados tivessem falhado na tentativa de encontrar o tesouro, o Tio Patinhas convenceu-se de que, com a ajuda da técnica moderna, o encontraria facilmente! — E certamente tudo correria como estava previsto, não fossem os fantasmas do castelo... principalmente o de Sir Trovão MacPato que escondeu o tesouro em 1314.

- \* **ABRI A MALA DE CARTÃO**  
**Autor:** Linda de Suza  
**Colecção:** Edições Diversas  
**Número:** 1  
**Ano:** 1988  
**N.º de Págs.:** 136 (com 8 estratextos a cor)  
**Formato:** 14x21 cm  
**Preço de capa:** 980\$00  
**Editorial:** Notícias

## A OBRA

ABRI A MALA DE CARTÃO é o segundo livro de Linda de Suza. Surge na sequência da polémica causada aquando da publicação da A MALA DE CARTÃO e após o problemático caso do Casino de Paris. É, pois, uma obra diferente, produto de uma elaborada reflexão pessoal.

A autora conta-nos, numa visão mais ponderada, a sua infância e os seus primeiros passos num país estranho e diferente. Mas é sobretudo a artista que aqui fala, os seus primeiros espectáculos, as digressões, a consagração no Olympia e a sua experiência teatral no Casino de Paris.

Este segundo livro distancia-se de A MALA DE CARTÃO não só no tempo que os separa, mas sobretudo na visão diferente com que Linda de Suza desperta as suas memórias, os seus sentimentos e a sua carreira artística. Já não é a miudita que se exprime, como ela própria afirma, mas a mulher madura que se revela ao seu público.

## A AUTORA

Linda de Suza não precisa de apresentação. Tal como muitos portugueses partiu um dia para França na esperança de um futuro melhor. Enveredou pela carreira musical onde obteve um enorme sucesso como cantora popular, contabilizado por três discos de ouro.

Em 1984 publica o seu primeiro livro, A MALA DE CARTÃO.

Depois de ter permanecido um ano longe dos circuitos artísticos é, em 1988, de novo celebrizada ao ver a sua vida transposta para uma série televisiva (em exibição na RTP) e ao publicar o seu segundo livro ABRI A MALA DE CARTÃO.

Era feriado, duas pequenas passeavam nos campos frescos e perfumados pelas últimas chuvas de uma semana de tempestade. Fazia calor naquela tarde, o sol reaparecera, o canto das aves sobressaía novamente sobre as montanhas.

Li e Né decidiram passar momentos de repouso no pequeno estúdio do clube, transportavam novos discos para escutar.

A aldeia estava deserta, o feriado era nos primeiros dias da semana, e os habitantes não se deslocaram do quotidiano da cidade para a calma das montanhas, no próximo dia a labuta do dia-a-dia continuaria.

Iam pensando nestas situações, quando Li subitamente se quedou sobre um tufo de flores e chama a Né.

— Aquela papoila tão vermelha, lembra um pôr de sol, não te parece?

— Sim, tens razão, mas o seu olhar dirigia-se para aquelas margaridas amarelas. O gatito, «o Amaelinho», gostava muito de as cheirar.

Sabes Li, a nossa casa está agora muito solitária, faz-lhe falta um felino, a esgatanhar, desarrumar, fazer piroetas; enfim, a tomar parte das nossas brincadeiras.

— Lembras-te do dia em que ele apareceu lá em casa?

— Sim...

— Tão magricela, sujo, esfomeado, mas um puro gato Amarelo.

— Foi engraçada aquela «cena» imagem do «Amaelinho» a transportar o meu recado para ti, na coleira insecticida.

— Estava todo emper-



# Nupy e Nina

tigado. Sentia-se o Maior...

Li e Né viram um arco-íris ao longe, parecendo estar suspenso do pequeno estúdio, para o qual se dirigiam vagorosamente. Os caminhos estavam enlameados, nas bermas dos passeios, floristas de pétalas sujas, amarfanhadas tentavam reencontrar o seu brilho, sob o sol ameno. Os mangericos ainda com gotinhas das últimas chuvas aromatzavam o ambiente.

Li e Né, caminhavam agora silenciosas. — Talvez a recordar o tão querido «Amaelinho», que morrera no dia anterior.

Os poucos habitantes da montanha lembravam peregrinos, dirigindo-se para o local onde se encontravam os seus entes queridos, apartados da vida.

No entanto, para estas duas companheiras de viagens, não existia um local palpável onde demonstrar esses sentimentos de saudade. A saudade «do nunca mais», existia dentro delas, com alegrias e sofrimentos, assim como todos os mortais.

A música que buscavam, seria um ritmo ardente e cicatrizante nos seus pequeninos corações apertados, o cântico das melodias, o desvanecimento daquele nó, que incomodava nas gargantas.

Súbito, Li, pergunta a Né pela chave do estúdio.

— Olha Li, enquanto a procuro nesta confusão de papéis que se encontra na minha bolsa, o melhor será preparares um fresquinho sumo de limão.

A casa onde se encontrava situado o estúdio estava deserta, e maltratada pelo tempo, o silêncio assustava, quando as tábuas do soalho rangiam sob os seus passos.

Né tinha já revirado todos os papéis da sua bolsa, quando ouve a voz da amiga que a chama.

— Né, Né, vem depressa, vem ver o que encontrei.

— Reminhau, miau, miau, puff...

— Ora Li, não passam de dois gatos abandonados, qual o interesse de me chamares?

— Não vês que estão com fome?

— Parece que estás a pensar quixotesicamente

em ficar com eles, pela parte que me toca, nem pensar!...

— Mas se os não alimentamos, morrêm!... Ainda não procuram comida sozinhos.

— Nada te impede de lhes dares leite, mas não inventes já maneiras de ficarmos com eles.

— Ora, também não estou a dizer que os quero, mas, mas, qual escolhias?

— E tu?

— Já sei, escrevemos os nomes dos dois em papelinhos, e saberemos se acertámos.

— Engraçado Li, eu estava mesmo a pensar no pretinho, e tu?

— No branquinho, olha conheces aquela cantiga, que diz assim: «Num dia branquinho, branquinho e ensolarado, Li e Né na montanha tiveram a sorte de encontrar dois gatinhos».

— Não inventes Li, se pensei no pretinho, é porque me parece mais triste, e solitário, o outro tem um ar muito mimalho e dependente.

— E estão com frio. E esta cantiga conheces?: «Né tem um casaco azul

fofinho e quentinho, feito

para dois gatinhos tiritando de frio...»

— Se queres usar o meu casaco de malha, não precisavas de cantar, fiça com ele, mas só o tempo de eles aquecerem.

— Né, a branquinha está a querer ir para o teu côo.

— E a pretinha está toda embevecida contigo. O mundo está mesmo às avessas, agora até os felinos escolhem os donos...

— Queres dizer que podemos ficar com eles?

E Né tentando esconder um sorriso, dá as costas à amiga respondendo entre dentes:

— Vou pensar, vou pensar.

Encontrei a chave do estúdio, vamos à música?

— Prefiro dar banho perfumado às gatinhas, pois descobri que são duas bebés bem femininas.

— Sozinha?

— Se me ajudasses, tratavamos cada uma da sua.

— A sua, não, se te ajudo não quer dizer que pretenda levá-las para casa.

E as duas amigas agora embevecidas com as duas



gatinhas, esqueceram por completo as músicas que pretendiam escutar.

Mais importante era tratar daqueles animaizinhos indefesos, abandonados por mãos estranhas, à crueldade de um destino pouco risonho.

Há algumas perguntas que vos vou fazer, espero

ter a vossa resposta dentro de pouco tempo, só assim será possível terminar esta história.

— A Né irá realmente reconsiderar, e ficar com as duas gatinhas?

— Conseguirão as duas bichaninhas resistir à precece e forçada, separação materna?

— Que fariam vocês no lugar da Né e da Li?

(Aguardando urgente as vossas notícias, é que esta história continua).

Até lá, sonhos e borboletas para todos.

Noémia Fidalgo

Era feriado, duas pequenas passeavam nos campos frescos e perfumados pelas últimas chuvas de uma semana de tempestade. Fazia calor naquela tarde, o sol reaparecera, o canto das aves sobressaía novamente sobre as montanhas.

Li e Né decidiram passar momentos de repouso no pequeno estúdio do clube, transportavam novos discos para escutar.

A aldeia estava deserta, o feriado era nos primeiros dias da semana, e os habitantes não se deslocaram do quotidiano da cidade para a calma das montanhas, no próximo dia a labuta do dia-a-dia continuaria.

Iam pensando nestas situações, quando Li subitamente se quedou sobre um tufo de flores e chama a Né.

— Aquela papoila tão vermelha, lembra um pôr de sol, não te parece?

— Sim, tens razão, mas o seu olhar dirigia-se para aquelas margaridas amarelas. O gatito, «o Amaelinho», gostava muito de as cheirar.

Sabes Li, a nossa casa está agora muito solitária, faz-lhe falta um felino, a esgatanhar, desarrumar, fazer piroetas; enfim, a tomar parte das nossas brincadeiras.

— Lembras-te do dia em que ele apareceu lá em casa?

— Sim...

— Tão magricela, sujo, esfomeado, mas um puro gato Amarelo.

— Foi engraçada aquela «cena» imagem do «Amaelinho» a transportar o meu recado para ti, na coleira insecticida.

— Estava todo emper-



# Nupy e Nina

tigado. Sentia-se o Maior...

Li e Né viram um arco-íris ao longe, parecendo estar suspenso do pequeno estúdio, para o qual se dirigiam vagorosamente. Os caminhos estavam enlameados, nas bermas dos passeios, floristas de pétalas sujas, amarfanhadas tentavam reencontrar o seu brilho, sob o sol ameno. Os mangericos ainda com gotinhas das últimas chuvas aromatzavam o ambiente.

Li e Né, caminhavam agora silenciosas. — Talvez a recordar o tão querido «Amaelinho», que morrera no dia anterior.

Os poucos habitantes da montanha lembravam peregrinos, dirigindo-se para o local onde se encontravam os seus entes queridos, apartados da vida.

No entanto, para estas duas companheiras de viagens, não existia um local palpável onde demonstrar esses sentimentos de saudade. A saudade «do nunca mais», existia dentro delas, com alegrias e sofrimentos, assim como todos os mortais.

A música que buscavam, seria um ritmo ardente e cicatrizante nos seus pequeninos corações apertados, o cântico das melodias, o desvanecimento daquele nó, que incomodava nas gargantas.

Súbito, Li, pergunta a Né pela chave do estúdio.

— Olha Li, enquanto a procuro nesta confusão de papéis que se encontra na minha bolsa, o melhor será preparares um fresquinho sumo de limão.

A casa onde se encontrava situado o estúdio estava deserta, e maltratada pelo tempo, o silêncio assustava, quando as tábuas do soalho rangiam sob os seus passos.

Né tinha já revirado todos os papéis da sua bolsa, quando ouve a voz da amiga que a chama.

— Né, Né, vem depressa, vem ver o que encontrei.

— Reminhau, miau, miau, puff...

— Ora Li, não passam de dois gatos abandonados, qual o interesse de me chamares?

— Não vês que estão com fome?

— Parece que estás a pensar quixotesicamente

em ficar com eles, pela parte que me toca, nem pensar!...

— Mas se os não alimentamos, morrêm!... Ainda não procuram comida sozinhos.

— Nada te impede de lhes dares leite, mas não inventes já maneiras de ficarmos com eles.

— Ora, também não estou a dizer que os quero, mas, mas, qual escolhias?

— E tu?

— Já sei, escrevemos os nomes dos dois em papelinhos, e saberemos se acertámos.

— Engraçado Li, eu estava mesmo a pensar no pretinho, e tu?

— No branquinho, olha conheces aquela cantiga, que diz assim: «Num dia branquinho, branquinho e ensolarado, Li e Né na montanha tiveram a sorte de encontrar dois gatinhos».

— Não inventes Li, se pensei no pretinho, é porque me parece mais triste, e solitário, o outro tem um ar muito mimalho e dependente.

— E estão com frio. E esta cantiga conheces?: «Né tem um casaco azul

fofinho e quentinho, feito

para dois gatinhos tiritando de frio...»

— Se queres usar o meu casaco de malha, não precisavas de cantar, fiça com ele, mas só o tempo de eles aquecerem.

— Né, a branquinha está a querer ir para o teu côo.

— E a pretinha está toda embevecida contigo. O mundo está mesmo às avessas, agora até os felinos escolhem os donos...

— Queres dizer que podemos ficar com eles?

E Né tentando esconder um sorriso, dá as costas à amiga respondendo entre dentes:

— Vou pensar, vou pensar.

Encontrei a chave do estúdio, vamos à música?

— Prefiro dar banho perfumado às gatinhas, pois descobri que são duas bebés bem femininas.

— Sozinha?

— Se me ajudasses, tratavamos cada uma da sua.

— A sua, não, se te ajudo não quer dizer que pretenda levá-las para casa.

E as duas amigas agora embevecidas com as duas



gatinhas, esqueceram por completo as músicas que pretendiam escutar.

Mais importante era tratar daqueles animaizinhos indefesos, abandonados por mãos estranhas, à crueldade de um destino pouco risonho.

Há algumas perguntas que vos vou fazer, espero

ter a vossa resposta dentro de pouco tempo, só assim será possível terminar esta história.

— A Né irá realmente reconsiderar, e ficar com as duas gatinhas?

— Conseguirão as duas bichaninhas resistir à precece e forçada, separação materna?

— Que fariam vocês no lugar da Né e da Li?

(Aguardando urgente as vossas notícias, é que esta história continua).

Até lá, sonhos e borboletas para todos.

Noémia Fidalgo

# Geografia da droga latino-americana

Ainda há pessoas que se lembram da «guerra do ópio» e os custos que a China pagou nessa acção sangrenta da Grã-Bretanha imperial. Mas foi só depois da II Guerra Mundial que também na Europa e América o narcotráfico se tornou no negócio simultaneamente mais catastrófico e rendoso. Nas últimas décadas, os países capitalistas industrializados sofreram um brutal aumento do consumo de todos os tipos de droga.

A grandeza dos números em causa pode ser avaliada pelas seguintes cifras: em 1979 já havia nos EUA 42 milhões de consumidores de marijuana que queimavam diariamente algo como 65 toneladas desse produto, ou seja, o quádruplo do consumido em 1974 no mesmo país. Mas entre 1978 e 1980 aumentou em 25 por cento o número de drogados norte-americanos com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Hoje, nos EUA, fumam diariamente marijuana um em cada quatro jovens entre os 18 e os 25 anos.

Nos anos 50, o tráfico de drogas procedentes na América Latina e destinado aos EUA era fundamentalmente movimentado pela mafia cubana que dispunha de uma rede poderosa e largamente ramificada. Com o triunfo da revolução cubana, os «padrinhos» largaram apressadamente e ilha e instalaram-se na Flórida, sobretudo em Miami, acabando por «fundir» negócios com os seus concorrentes norte-americanos, circunstância que Hank Messick historia em «Of Grass and Snow» (New Jersey, 1979). Nos últimos anos e com a cumplicidade de alguns Governos sul-americanos, a mafia



internacional ampliou e diversificou a geografia da produção das matérias primas do narcotráfico, o que permitiu um «boom» sem precedentes no contrabando da cocaína. Esta droga é extraída, como se sabe, das folhas de um arbusto que cresce nas vertentes dos Andes, sobretudo na Bolívia, Peru e Equador. As populações camponesas dessas áreas são ainda hoje muito pobres, mastigando essas folhas, a coca, para iludirem a fome, resistirem melhor ao frio e mitigarem o casaco.

A preferência da mafia pela cocaína tem a ver com duas vantagens especiais: maiores lucros nas vendas e maior facilidade no tráfico. Ao contrário da heroína, a cocaína não exige seringa nem deixa marcas no corpo. Atinge as 30 toneladas anuais só a cocaína que entra nos EUA com proveniência da Colômbia.

A maior parte do «pó branco» produzido na América

Latina é absorvido pelo «grande vizinho do norte», mas ultimamente a procura tem crescido na Europa Ocidental, constituindo o território português, em particular, uma das plataformas para a recepção e derivação das várias linhas de tráfego, embora as teias do negócio enlacen algumas capitais latino-americanas e cidades como Miami, Nova Iorque, Chicago e Los Angeles. É possível traçar um panorama razoavelmente detalhado dos principais produtores.

## BOLÍVIA

Este país é um dos maiores produtores e traficantes de cocaína, respondendo por 220 toneladas anuais de pasta de coca, matéria prima para a produção do «pó branco». Calcula-se em 100 toneladas o total dessa droga que entra nos EUA com proveniência boliviana, ou seja, metade do fornecimento global

feito pela Colômbia, Equador e Peru.

De acordo com dados da Comissão de Controlo dos Narcóticos da ONU, o tráfico de cocaína boliviana proporcionou à mafia 1.200 milhões de dólares em 1980 e 2.000 milhões em 1981. A título de comparação, é de registar que o montante das exportações bolivianas em 1980 atingiu apenas os 941,9 milhões de dólares.

Para assegurar tranquilidade na produção, transformação e tráfico, a mafia comprou a cúpula militar que em 1980 impediu um Governo de esquerda encabeçado por Siles Zuazo. A ligação entre os gigantes da cocaína e as forças de direita foi ainda mais nítida com o Governo militar de Garcia Meza, em 1980 e 1981. Com a protecção do ministro do Interior, coronel Luis Arce Gomez, os traficantes e respectivos «padrinhos» disfrutaram no país da

Cont. na pag. 7

# Geografia da droga latino-americana

(Da pág. 6)

maior liberdade de acção. Calcula-se em 160 mil toneladas de folhas de coca a colheita de 1985.

## PERU

Este país encontra-se igualmente entre os maiores produtores de cocaína. Só em plantações legais de coca, é possível percorrer 250 milhas ao longo do Rio Hullanga. De momento, a área de produção autorizada pelo Governo de Lima é de 17.860 hectares, possibilitando uma colheita anual de 9.750 toneladas. As plantações ilegais ultrapassam, no entanto, os 50 mil hectares.

No Peru, a capital do tráfico é Tingo Maria, cidade do vale do Hullago, também conhecida por «Cidade Branca».

O actual Governo desenvolve uma certa luta contra a droga, destruiu, anualmente e em média, 4.000 hectares de plantações ilegais. Em contrapartida tem sido escasso o êxito na destruição dos laboratórios que transformam as folhas em «pó branco».

Calcula-se em 2.000 milhões de dólares anuais o lucro com o narcotráfico peruano.

## COLÔMBIA

Ao contrário das estatísticas oficiais, não é o café a principal exportação colombiana. São os narcóticos. Segundo as diversas estimativas existentes, estes asseguram uma estrada anual no país de 4 a 8 mil milhões de dólares, correspondendo à marijuana a fatia maior.

Ainda segundo as estatísticas governamentais, são 80 mil as famílias colombianas que vivem do cultivo e comércio clandestino da marijuana. Esta droga é extraída no cânhamo índio, que rende muito mais que

o café e tem menores custos de produção.

A Colômbia «exporta» 95 por cento da marijuana que produz: 85 por cento (25 mil toneladas) para os EUA e 15 por cento para o Canadá e Europa Ocidental. No que respeita aos EUA, a marijuana colombiana representa 60 por cento das «importações», cabendo 30 por cento ao México e 10 por cento à Jamaica.

A marijuana tem duas saídas na Colômbia: 70 por cento sai por via aérea e o resto por via marítima, segundo dados oficiais que também indicam a existência de cerca de mil aeródromos secretos, 200 deles só na Península de Guajira, onde as plantações de cânhamo índio atingem os 100 mil hectares. Nestas «exportações» participam cerca de 500 aviões e cerca de 100 barcos.

No que respeita à cocaína, a Colômbia é sobretudo um intermediário das «exportações» bolivianas e peruanas.

## BRASIL

Até há poucos anos, o Brasil era um «caso menor» no narcotráfico. Hoje, a produção e tráfico de droga, sobretudo a cocaína, é um negócio de vulto, com base em plantações que escolheram a tranquilidade das zonas pouco habitadas da Amazônia Ocidental.

À medida que se alarga a rede clandestina de comercialização da drogas os traficantes aumentam e consolidam os seus apoios por todo o Brasil, destacando-se a cidade de Manaus pelas suas condições especiais: cidade, portuária, no rio Amazonas e boas linhas de navegação aérea para Miami, Los Angeles, Nova Iorque e Paris.

As autoridades brasileiras admitem que a mafia internacional tenha escolhido o país

para centro especial de comando dos «negócios», dada a extensão das fronteiras do Brasil com a Colômbia, o Peru e a Bolívia, os maiores produtores sul-americanos de cocaína e marijuana.

## VENEZUELA

Até há pouco o papel mais importante da Venezuela no narcotráfico era o de entreposto para os EUA dos carregamentos vindos de diversos países. Nos últimos anos, têm passado por este país, a caminho dos EUA, 7 toneladas de estupefacientes, em média anual.

Sabe-se agora também que nas zonas de acesso difícil as autoridades têm detectado grandes plantações de marijuana, laboratórios clandestinos de cocaína e uma rede de aeródromos clandestinos.

## MÉXICO

Como vizinho dos EUA, que são o maior consumidor mundial de narcóticos, o México adquiriu facilmente a vocação de grande fornecedor. A isto juntou-se um clima propício à produção de marijuana e heroína. Assim se explica os mil milhões de dólares que renderam em 1975 as «exportações» mexicanas de droga para os «gringos».

O Governo mexicano tem feito um certo esforço no combate à produção e tráfico de estupefacientes, procurando combinar acções dos grupos anti-droga com a oferta de alternativas agrícolas aos camponeses. A esta luta se destinam 10 mil efectivos do Exército, aviões, helicópteros e lanchas da Guarda Costeira.

Diariamente, uns 70 aviões, sobrevoam as zonas propícias às plantações. Se alguma é detectada, vão aeronaves bombardeá-la com produtos químicos. O México continua, no entanto, a

ser um dos grandes cultivadores de papoilas e marijuana, sobretudo na zona da Sierra Madre, em cujas vertentes o clima é esplêndido e a acção do Exército e outras autoridades muito difícil.

## CARAÍBAS

Os países do Caribe são pequenos produtores de estupefacientes, nas grandes plataformas giratórias do tráfico. Destacam-se a Jamaica, o Panamá, Porto Rico, as Bahamas e as muitas ilhas da zona.

Através das Bahamas seguem para os EUA 15 por cento da cocaína procedente da América Latina e cerca de 65 por cento da marijuana de igual proveniência, sendo este tráfico fundamentalmente marítimo.

A Jamaica aparece em segundo lugar, sobretudo no que diz respeito à marijuana, sendo o tráfico fundamentalmente aéreo.

Às costas dos países ribeirinhos e insulares das Caraíbas, a droga chega normalmente em grandes volumes, pelas duas vias, aéreas e marítima. Aí se fazem os pequenos pacotes ou as pequenas doses que em volumes maiores ou menores seguem para o «grande país do norte» em iates, barcos de pesca, avionetas e outros meios de transporte.

A dificuldade em reprimir e desarticular as redes de narcotráfico tem a ver com diversas questões: por um lado a mafia dispõe de muitos protectores nos aparelhos de Estado dos diversos países, incluindo os EUA; por outro lado, a CIA tem utilizado a droga nas suas «guerras sujas». A tudo isto há que acrescentar o grande poder económico dos traficantes e os meios técnicos cada vez mais sofisticados ao seu alcance.

Chamam-lhes morsas, mas são pessoas...

# Quando o frio dá o que os remédios não conseguem

— AFIRMA-SE QUE, ALÉM  
DA RADICULALGIA, ALERGIA, ANGINA  
E CONSTIPAÇÃO, CURA INCLUSIVE O PESSIMISMO

O fenómeno tende a alargar-se em todos os países que têm grandes frios, sejam eles o Canadá ou os Estados Unidos, a Noruega ou a Finlândia, mas é na URSS que essa prática é mais arripiente. Rebolar o corpo nu na neve, depois de uma sessão de sauna, é uma tradição russa com perto de mil anos, ao que dizem as crónicas. Também se pratica noutros países frios, é igualmente saudável, mas está longe de ser tão arripiente como um mergulho num rio gelado, quando os termómetros mostram que a temperatura fora de casa é de 20, 30 ou 40 graus negativos.

Quanto às virtudes de tais mergulhos podem ser aferidas por duas formas: têm cada vez mais adeptos (o que significa que os neófitos não sofreram decepção) e podem constituir uma forma desportiva e moderna de fortalecer a saúde.

Tomemos o caso de uma família moscovita que pode exemplificar todos os aspectos da questão ao ver em dez anos muita coisa modificada para melhor. Tatiana e Mikhail Dubinine tinham dois filhos, mas queriam mais. Só que Tatiana era pouco saudável e nada recomendava um terceiro parto.

Apesar disso, em 1977 engravidou. Mikhail viu as suas preocupações muito aumentadas porque a mulher, além de sofrer constantemente de anginas, tinha piorado da sua reumocardiite. E foi então que para os grandes males apareceram os grandes remédios.

Desiludido com os muitos tratamentos sem resultado, Mikhail entendeu que os melhores medicamentos eram os exercícios físicos. Tentou convencer Tatiana disso e lá o foi conseguindo a pouco e pouco. Ela começou pela corrida, embora isso custasse muito. Andava 200 metros, muito lentamente, e ficava esbaforida. Tinha pavor à água fria, não sabia nadar.

As crianças saíam à rua com os pais para fazer ginástica matinal. A filha mais nova, Kátia, tinha na altura cinco anos. Os Dubinine exercitavam-se no velho parque Lossinoostrovski, perto de casa, em Moscovo. Depois decidiram passar a treinar junto dum lago situado a quilómetro e meio. Iniciavam a caminhada a passo rápido, mas depois corriam o que podiam.

Os exercícios físicos tornaram-se para as crianças um jogo quotidiano em que tudo era interessante: os novos «recordes», a compe-

tição, a participação dos pais. Tudo despertava nelas uma certa curiosidade. Mormente a prova do frio. De Inverno, friccionavam-se com neve e corriam nus.

Tatiana continuou as suas corridas e só no quinto mês de gravidez é que reduziu a distância e a velocidade. Mas mantinha-se fiel ao ritual dos banhos diários no lago. Banhou-se pela última vez na água gélida a 5 de Dezembro de 1978 e no dia seguinte deu ao mundo, com facilidade, um filho saudável.

Denis pesava 3.500 gramas e começou logo a reagir ao som e à luz. Ao fim de alguns dias já sustinha a cabeça. Ao décimo dia, Denis começou a aprender a nadar na banheira, em casa. Dormia com a janela aberta. De noite, a temperatura no quarto descia até seis ou sete graus positivos.

Denis desenvolvia-se muito depressa. No primeiro mês cresceu sete centímetros. A pediatra, que não conhecia o bebé, ao vê-lo na sala de espera para a consulta, disse que as crianças de três meses eram consultadas no dia seguinte. E ficou aflita quando viu que tinha falhado na determinação da idade porque já trabalhava em pediatria há quase vinte anos.

Na idade de um mês e

cinco dias, foi pela primeira vez mudada ao ar livre a fralda a Denis. Naquele dia, o termómetro registava 12 graus centígrados negativos.

No Inverno seguinte, quando a temperatura atingiu valores há muito tempo não registados em Moscovo, 35 graus negativos, os Dubinine prosseguiram os banhos diários no lago. Denis, que tinha um ano de idade, não ficava aquém dos seus irmãos mais velhos. Mergulhava como eles. Era tão «morsa» como eles.

O menino encontrava-se sob observação do professor Ilia Archavski, destacado especialista em fisiologia etária. Na sua opinião, Denis desenvolvia-se muito bem e o seu adiantamento relativamente aos índices médios etários de desenvolvimento era um indicio de saúde forte e segura.

Os Dubinine hoje são uma família plenamente saudável e fazem parte de um clube com esse nome, «Família Saudável», criado no parque Lossinoostrovski e já com várias centenas de adultos e crianças entre os seus sócios. Praticamente todos eles (inclusive bebês) tomam banhos no lago. Como não podia deixar de ser, todos estão sob o controlo médico do departamento médico-desportivo do bairro.